

ACOLHIMENTO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE ÀS CRIANÇAS AUTISTAS SOB À ÓTICA DAS MÃES EM UM MUNICÍPIO DO SUDOESTE DE MINAS GERAIS.

Monise Martins da Silva¹
Kethlen Marinho Alves²
Maria Eduarda Leonardo Gomes²
Isabela Santos Bueno³
Fabrício Santos Ritá⁴
Suzana Segura Muñoz⁵

Educação Ambiental

Resumo

Identifica-se uma grande dificuldade no que se refere à assistência às pessoas com o transtorno do espectro autista, juntamente com a família, devido ao despreparo dos profissionais, na qual estão sem treinamento suficiente para receber e acolher o autista e sua família. Assim, o presente trabalho propõe-se a discorrer acerca do tema, a fim de promover maiores informações diante do assunto e conhecer a percepção das mães de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) diante do acolhimento da Enfermagem na Unidade Básica de Saúde. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, desenvolvido a partir das respostas das mães de crianças com TEA, que fazem parte de um grupo informal de WhatsApp, da Associação de Pais e Amigos do Autistas (APAP), pertencente a um município do Sudoeste de Minas Gerais. Participaram do estudo, 15 mães que responderam ao questionário aberto eletrônico. Os dados foram analisados considerando os registros das questões abertas por meio do método da análise de conteúdo. A análise dos dados permitiu a identificação das unidades temáticas que convergiram para três categorias: vivência das mães de crianças com TEA nos cuidados prestados aos seus filhos nas Unidades Básicas de Saúde; fatores dificultadores para o atendimento da criança autista nas Unidades Básicas de Saúde sob a ótica da mãe e estratégias para melhoria do atendimento nas Unidades Básicas de Saúde na visão das mães das crianças com TEA. Os resultados deste estudo demonstram que mesmo com uma rede tão grande e complexa como o SUS, a assistência com relação a alguns casos ainda tem muitas falhas apontadas pelos usuários, isso se dá muitas vezes pela falta de educação em saúde. A presente pesquisa traz subsídios importantes para a elaboração de ações que têm por finalidade melhorar a assistência na Atenção Primária às crianças autistas, com atendimento humanizado e de qualidade.

Palavras-chave: Autismo; Mães; Atenção Primária.

¹ Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais. Pós Graduanda da Universidade do Estado de São Paulo. E-mail: monisemsilva@gmail.com

² Graduada em Enfermagem pela Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: lariamanda07@gmail.com.³ Graduanda em Enfermagem pela Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: vitoria0707@hotmail.com.

⁴ Docente do Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho. fabricio.rita@muz.ifsuldeminas.edu.br

⁵ Docente da Universidade do Estado de São Paulo. EERP-USP. susis@eerp.usp.br

INTRODUÇÃO

O transtorno do Espectro autista é um distúrbio neurológico que compromete as habilidades de fala e de comunicação do indivíduo, porém, o fenótipo de um paciente com autismo pode variar muito, podendo desenvolver deficiência intelectual grave até indivíduos com o quociente de inteligência normal. O transtorno pode vir acompanhado de outras comorbidades, como por exemplo, a hiperatividade, distúrbios de sono e gastrintestinais, e epilepsia. É uma deficiência com início precoce, desmistificando o conceito de que a infância é uma fase de felicidade absoluta, tanto para os familiares quanto para os indivíduos com o autismo, que necessitam de muita atenção e cuidado e requerem muito tempo e responsabilidade (OLIVEIRA, 2017).

Um olhar cuidadoso, desprovido de preconceitos, atento a cada cuidado e necessidade de um paciente, é um papel designado ao enfermeiro, cabendo a ele a prestação de assistência e escuta, sendo assim como um elo entre a equipe multiprofissional e os cuidadores da criança autista. As orientações aos familiares sobre o transtorno, tratamento e todo o plano terapêutico e que visem a singularidade de cada criança é de extrema importância para uma boa assistência e desenvolvimento de um tratamento congruente (MAGALHAES, et al., 2020).

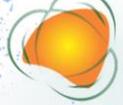
Objetiva-se com esse trabalho, conhecer a percepção das mães de crianças com o Transtorno do Espectro Autista diante do acolhimento da Enfermagem nas Unidades Básicas de Saúde, de um município do Sudoeste de Minas Gerais, bem como identificar as eficiências e funcionalidade das Unidades Básicas de Saúde, apontar eficiência do trabalho multiprofissional e reconhecer o acompanhamento e suporte dos familiares.

Realização



Apoio





METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. No estudo descritivo é realizada uma pesquisa detalhada, com coleta de dados, análise e interpretação dos mesmos. Não há a interação ou envolvimento do pesquisador no assunto analisado. Os estudos descritivos podem ser criticados ou discutidos porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos (TRIVIÑOS, 2015).

O estudo foi desenvolvido a partir das respostas das mães de crianças com TEA, que fazem parte de um grupo informal de WhatsApp, da Associação de Pais e Amigos do Autistas (APAP), pertencente a um município do Sudoeste de Minas Gerais. A associação supramencionada foi fundada em 2018 sob a forma de uma Pessoa Jurídica de Direito Privado, sem fins lucrativos, de caráter educativo, cultural, recreativo, de assistência social, científico, esportivo e representativo.

Participaram da pesquisa os profissionais que atenderam os seguintes critérios de inclusão: ter 18 anos de idade ou mais; fazem parte da Associação de Pais e Amigos dos Autistas de um município do sudoeste de Minas Gerais participantes do grupo de WhatsApp; Se autodeclarem mães de crianças com TEA, sendo filho adotivo ou biológico; Acompanham a criança autista nas consultas na Unidade Básica de Saúde respectivamente.

Os profissionais de saúde que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após serem informados sobre os objetivos e finalidades dele.

Os instrumentos de coleta de dados foram transcritos em formulário eletrônico, para que a coleta de dados acontecesse mediante envio de link do formulário eletrônico via Google Forms que é um serviço gratuito para criar formulários online e nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, e fazer questões discursivas, entre outras opções, com resposta/autopreenchimento ao instrumento eletrônico estruturado (MOTA, 2019).

Para o questionário com questões abertas foram utilizadas as seguintes questões norteadoras: Conte-me sobre o atendimento que você e seu filho tem ou teve nas unidades

Realização



Apoio



básicas de saúde e o relacionamento dos profissionais de saúde das unidades básicas com você e seu filho; Como é feito o acompanhamento de seu filho na unidade básica?; Quais são as dificuldades que você encontra para o atendimento do seu filho nas unidades básicas de saúde?; Como são as estratégias realizadas para promover melhor atendimento ao seu filho nas unidades básicas?; O que falta no profissional de Enfermagem da unidade básica de saúde no qual você teve contato para um atendimento de excelência para você com seu filho?

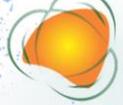
Para a elaboração do Formulário Digital foi utilizado o recurso Formulários Google, ressalta-se aqui a importância do incremento de tecnologias que aperfeiçoem o tempo de coleta de dados e que sejam coerentes com as medidas de distanciamento social em tempos de pandemia pela COVID-19. O Formulário Digital obteve cinco páginas digitais, também chamadas de seções. Na seção 1 foi apresentado um campo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. As perguntas só foram iniciadas quando a participante deu o clique no ícone LI E CONCORDO EM PARTICIPAR DA PESQUISA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo, 15 mães de crianças com o Transtorno do Espectro Autista que são participantes do grupo informal do whatsapp (Grupo TEA), todas mostraram interesse na pesquisa que se encontrava disponível no formulário do Google enviado. Quanto a categoria profissional das participantes, 33,5% (n=5) eram do lar; 6,7% (n=1) agente comunitária de saúde ; 6,7% (n=1) enfermeira; 6,7% (n=1) auxiliar de contabilidade , 6,7% (n=1) cozinheira ; 6,7% (n=1) professora ; 6,7% (n=1) estudante; 6,7% (n=1) bacharel em direito ; 6,7% (n=1) neuropsicopedagoga clínica ; 6,7% (n=1) tecnóloga em processamento de dados e 6,7% (n=1) escrevente. A idade das participantes variou entre 25 a 50 anos, tendo como média de idade 37,5 anos. Quanto ao estado civil, 20% (n=3) delas são solteiras; 20% (n=3) amasiadas e 60% (n=9) casadas. Sobre a quantidade de filhos das participantes, obtivemos como respostas: 46,7% (n=7) possui apenas 1 filho; 33,3% (n=5) com 2 filhos; 13,3% (n=2) com 3 filhos e 6,7% (n=1) com 4 filhos. Dessas mães, 40% (n=6) já sofreram aborto e 46,7% (n=7) tiveram complicações na gestação.

Realização

Apoio



A identificação das particularidades de cada mãe participante, de uma reflexão das suas dificuldades, opiniões relatadas e o diálogo com a literatura, possibilitou a compreensão da experiência vivenciada por essas mães. Para preservar o anonimato, foram atribuídos a elas o nome “mãe” com numeração à frente. A partir da análise das respostas do questionário aberto, sendo este subjetivo, emergiram três categorias conforme abaixo:

Categoria 1 – A vivência das mães de crianças com TEA nos cuidados prestados aos seus filhos nas Unidades Básicas de Saúde.

Esta categoria foi determinada, uma vez que considerou importante compreender sobre a assistência, o acompanhamento e a vivência das mães no cuidado das Unidades Básicas de Saúde para com o filho que possui o Transtorno do Espectro Autista.

De acordo com Maciel (2020), o atraso do diagnóstico de uma criança com TEA, devido a insegurança por parte dos profissionais em diagnosticar, gerir e encaminhar as especialidades acarreta em problemas que poderiam ser evitados, caso a equipe da Atenção primária fosse capacitada para ter uma visão ampla sobre essa neuropatologia e características específicas. A falta de capacitação dos profissionais de saúde acerca o Transtorno do Espectro Autista, acarreta algumas decepções pelos familiares, quando utilizam as Unidades Básicas de Saúde, como é apresentado nos depoimentos das mães de crianças autistas que utilizam do SUS sobre o atendimento nas UBS:

“Ainda falta ter um profissional que tenha a habilidade para o atendimento para criança autista a paciência saber entender os sintomas para o pré atendimento.” (MÃE 5)

“Inclusão a desejar, já passei muitos apertos, pois suas limitações e sensibilidades não são respeitadas. Preferências não existem, muito menos respeito à inclusão, olhares descaso.” (MÃE 3)

“Atendimento clínico bom, mas para tratamento adequado para autistas, fica muito a desejar.” (MÃE 1)

“Ele não faz atendimento no postinho porque eles dizem que não tem especialista pra ele. Só é atendido pelo clínico mesmo quando está doente. Fora isso eles não atendem.” (MÃE 4)

Segundo Maciel (2020), sobre a organização do atendimento no SUS, existem categorias de níveis, sendo o primário a porta de entrada como as Unidades Básicas de Saúde (UBS), o secundário sendo os atendimentos especializados, urgência e emergência e

Realização

Apoio

o terciário abrange os procedimentos de alto custo, sendo assim, a porta de entrada deveria estar preparada e treinada para o encaminhamento de especialidades nos casos de Transtorno do Espectro do Autista, em que é necessário acompanhamento médico nas unidades e com especialistas, porém não são observados relatos de como as famílias foram recebidas após diagnóstico.

Segeren (2014) relata em seu estudo que as informações passadas por alguns profissionais no momento diagnóstico, são incompletas sendo enfatizadas somente as dificuldades no desenvolvimento da criança e indicado que procure por especialista. O desconhecimento dos profissionais sobre o TEA, além de um diagnóstico tardio pode gerar preconceito e julgamentos equivocados da sociedade, causando mais desconforto para as famílias.

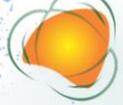
Por tratar de uma busca ativa minuciosa e com dificuldades peculiares que demandam tempo, os familiares optam por custear os atendimentos especializados e o acompanhamento com o médico particular ou por convênio, devido a falta de informação e/ou dificuldade de acesso pelo SUS, de acordo com os relatos das mães participantes da pesquisa sobre o atendimento/ acompanhamento realizados pelas Unidades Básicas de Saúde:

“Nas poucas vezes que precisei do atendimento da UPA foi um desastre. Nunca levei meu filho nos postos de saúde, sempre pago pediatra particular...”
(MÃE 7)

“Do nascimento do meu filho até a idade de 1 ano ele teve assistência por convênio. Depois dessa época tivemos como assistência o sus, mas em uma cidade próximo a capital do estado chamada Barão de Cocais, a médica do PSF encaminhou para o pediatra e diante das minhas queixas em atraso de fala ele dizia que estava no tempo da criança, quando ele fez 2 anos foi encaminhado para a fono. Então meu marido novamente teve o plano de saúde pela empresa que ele trabalhava e o diagnóstico veio aos 3 anos e meio. Há 1 ano e meio quando voltamos a morar em passos procurei o PSF do meu bairro e eles me empurraram para a apae onde foi feito um cadastro e ele entrou em uma fila de espera para fazer tratamento multidisciplinar.” (MÃE 6)

Realização

Apoio



“Nunca consegui, pois não existe um atendimento diferenciado ou específico para ele. Não abordam de forma correta, não existem profissionais capacitados para isso. Tento sempre pagar um profissional que acompanha e sabe ser profissional.” (MÃE 3)

Por outro lado, cinco mães que responderam às perguntas subjetivas da pesquisa, alegaram ter sido bem atendidas nas Unidades Básicas de Saúde, e uma delas citou a falta de estrutura como um empecilho no atendimento, conforme as respostas seguintes sobre o acompanhamento e atendimento do seu filho nas UBS:

“Satisfatório, porém a falta de estrutura e recursos às vezes é um empecilho.” (MÃE 9)

“Bom atendimento.” (MÃE 10)

“Atendimento satisfatório.” (MÃE 11)

“Sempre fomos muito bem atendidos.” (MÃE 12)

“Temos um bom atendimento.” (MÃE 4)

Categoria 2 - Fatores dificultadores para o atendimento da criança autista nas Unidades Básicas de Saúde sob a ótica da mãe.

Essa categoria foi assim nomeada, pelo fato de buscarmos compreender os fatores dificultadores que as mães das crianças autistas enfrentam no atendimento nas UBS. Diante das respostas obtidas através do questionário, foi possível identificar que a espera pelo atendimento e a falta de capacitação dos profissionais para o diagnóstico e manejo clínico são os maiores desafios enfrentados pelas mães das crianças com TEA, pois gera estresse e exaustão. Isso pode ser evidenciado pelas seguintes falas:

” Abordagem, respeito dos mesmos e conhecimento das tratativas corretas para um portador de TA. Prioridade seria o foco.” (MÃE 2)

“Das 2 vezes que ele usou a UBS, a primeira me foi informado que deveria procurar a apae que era lá que forneceriam o atendimento para ele. Não me forneceram outra opção para eu conseguir as terapias, foi a única orientação que tive.” (MÃE 5)

“Nos postos de saúde os médicos são irresponsáveis e trabalham com insatisfação, os pacientes esperam por horas e os médicos são despreparados e raramente acertam no diagnóstico.” (MÃE 7)

Barros, Barbosa e Silva (2018) afirmam que o alto custo do tratamento, a pouca disponibilidade de profissionais devidamente capacitados e a fragilidade das redes públicas de educação e assistência à saúde podem dificultar e limitar o acesso de grande parte da

Realização

Apoio

população diagnosticada com TEA, obstando assim a intervenção precoce, intensiva e duradoura. Para diagnosticar o TEA é necessário observar os sinais e sintomas, utilizar instrumentos de avaliação, além da maneira de comunicar isso aos familiares. É preciso ter manejo e coerência no momento do diagnóstico para possibilitar aos familiares facilitar a compreensão das oportunidades para tratamento dessa condição de saúde.

Na pesquisa também ficou evidenciado a insatisfação com o atendimento da equipe multidisciplinar, a falta de paciência para realizar o pré-atendimento e a dificuldade em encontrar apoio pela equipe das Unidades Básicas de saúde. Podemos observar nas seguintes falas:

“Há 1 ano e meio procurei o PSF do meu bairro e eles me empurraram para a apae onde foi feito um cadastro e ele entrou em uma fila de espera para fazer tratamento multidisciplinar.” (MÃE 5)

“Não ter especialista no autismo ou outra deficiência.” (MÃE 4)

“Na APAE ainda é aceitável o atendimento, nos postos eu prefiro não levá-lo é humilhante e desumano. Na UPA não dá nem pra descrever a precariedade.” (MÃE 8)

“Como não temos profissionais treinados para atender os nossos filhos eles entende que é uma criança elevada espoleta uma criança que não para quieta mexe em tudo.” (MÃE 6)

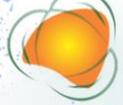
Faulin et al. (2016) salienta que as redes básicas de saúde muitas vezes demonstram fragilidade devido a fragmentação do sistema de ações e serviços preventivos e curativos, sendo eles individuais ou coletivos em todos os níveis do SUS. Como no resultado, é observada a exclusão do paciente com TEA, que não consegue ser visualizado na rede baseado na sua subjetividade. Realça também a importância da prática multidisciplinar, pois, a pessoa com TEA será vista de forma biopsicossocial, como indicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), evitando a supervalorização do campo físico ao invés das outras esferas que compõem o ser humano.

Categoria 3 - Estratégias para melhoria do atendimento nas Unidades Básicas de Saúde na visão das mães das crianças com TEA.

Nesta categoria as mães responderam que algumas estratégias podem ser

Realização

Apoio



incrementadas para maior eficácia da assistência nos cuidados aos seus filhos autistas, evidenciando a capacitação em relação ao tema, paciência e buscar informações atualizadas. É possível observar pelas seguintes afirmativas:

“Treinamento para um atendimento acolhedor ao paciente com autismo.” (MÃE 2)

“Ter preparação para uma criança com autismo.” (MÃE 5)

“Podiam trabalhar com mais vontade, tratar o paciente com respeito, educação, somos tratados como animais e não seres humanos.” (MÃE 11)

“Ter conhecimento sobre os direitos dos autistas.” (MÃE 9)

“Mais informações, e saber que existem crianças Autistas.” (MÃE 12)

Ao abordar essa temática Folha Boa Vista (2018) traz que as famílias, principalmente as mães são as que mais manifestam insatisfação com o atendimento dos profissionais na atenção primária, principalmente, com a dificuldade de encontrar profissionais disponíveis e devidamente capacitados para fazer um acompanhamento efetivo.

Anjos (2019) ratifica que a relação entre o enfermeiro e o paciente com TEA é necessária e importante, mesmo diante de tantas dificuldades, o profissional precisa ter um olhar atencioso e uma escuta elencada na particularidade, além do atendimento diferenciado. É preciso ter tato para atingir o que não é óbvio ou visível, isso pode ser feito através de planos terapêuticos e orientações para os familiares.

Pimenta (2021) traz em sua pesquisa a constatação da dificuldade relatada pelos próprios profissionais das unidades de saúde na detecção dos sinais de autismo, visto que, a maioria apresenta um conhecimento básico sobre o tema pelo fato de não ser um assunto explorado na graduação, isso se torna um fator limitante, considerando que o profissional é muitas vezes quem traz conforto e estratégias de desenvolvimento para a família do autista.

Realização



Apoio



CONCLUSÕES

A presente pesquisa teve como finalidade conhecer a percepção das mães de crianças autistas sobre o acolhimento da enfermagem nas Unidades Básicas de Saúde de um município do Sudoeste de Minas Gerais, uma vez que seja de extrema importância a opinião das mães, bem como, a atuação desses profissionais frente às questões de diagnóstico e cuidados para as crianças pertencentes às suas unidades.

Para coleta de dados foi feito um questionário eletrônico utilizando um roteiro com questões norteadoras, através do mesmo foi possível identificar pelos relatos das mães a grande dificuldade nos atendimentos das Unidades Básicas ofertados para esse público, gerando assim uma frustração. Os motivos que mais se destacaram são relacionados tanto para o conhecimento da patologia quanto ao reconhecimento e cuidados prestados às crianças diagnosticadas, uma vez que os sintomas podem ser perduráveis e prejudicar o desenvolvimento da criança, podendo gerar consequências durante a vida, se não for tratada devidamente. Ainda ressaltam que o seu reconhecimento é realizado após o diagnóstico feito por profissionais especialistas, além das informações colhidas dos familiares, uma vez que há dificuldade em analisar o comportamento da criança relacionado ao TEA.

Com o objetivo de sanar essas dificuldades, é necessário que os serviços de saúde, especialmente as Unidades Básicas de Saúde, aumentem os investimentos em programas relacionados à educação permanente em saúde, abordando temas como a Síndrome do Espectro Autista e contemplando toda a equipe multiprofissional. Dessa forma serão traçadas estratégias e metas que desencadearão resultados positivos em relação ao acolhimento e cuidados ao paciente e sua família.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, J. A. M. R.; VERAS, A. B.; VARELLA, A. A. B. Breves considerações sobre a atenção

Realização



Apoio



à pessoa com transtorno do espectro autista na rede pública de saúde. **Revista Psicologia Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 1, p. 89-98, abr.2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177093X2019000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 jun. 2022.

CONSTANTIDINIS, T. C.; et al. “Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo. **Psicologia-USF**, Bragança Paulista, v.23, n. 1, p. 47-58, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psuf/a/M8DXRCRGP6Rc6k7ZdCPMjQv/?lang=pt>>. Acesso em: 08 jun. 2022.

FARO, K. C. A. et al. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Revista Educação Psicologia**, Porto Alegre, v. 50, n.2, p. 1-11, 2019. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 08 jun 2022.

FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.17-27, jan. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v10i2.687>>. Acesso em: Abril de 2022

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. cap. 4, p. 79-107.

HOLANDA, A.S; LIMA, F.S.A, et al. Autismo: O papel do Sistema Único de Saúde no acolhimento e tratamento infanto-juvenil. **RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, Vol. VI, Número 1, Jan- Jun, 2020, p. 74-88.

MAIA, F.A; ALMEIDA, M.T.C.; OLIVEIRA et. al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cadernos Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 228-234, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201600020282>>. Acesso em: 08 jun 2022.

MAGALHÃES, J.M.; LIMA, F.S.V.; SILVA et. al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enfermería Global**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 531-559, 15 mar. 2020. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Murcia. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.6018/eglobal.356741>>. Acesso em: 05 jun 2022.

MAPELLI, L. D.; et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.22, n.4, p. 1-9, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/zxYG5PMxypVZf4YJSfjgyYg/?lang=pt>>. Acesso em: 08 jun. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo:

Realização

Apoio

Hucitec, 2016. 406p.

MOTA, J.S. **Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. Revista Humanidades e Inovação, Palmas**, v.6, n.12 – 2019

NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, Bahia, v. 32, n. 1, p. 1-12, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425/15968>>. Acesso em: 08 jun. 2022.

NASCIMENTO, M.A., PEREIRA, M. et. al. Autismo Infantil: Acolhimento e tratamento pelo Sistema Único de Saúde. **Revista Valore**, Volta Redonda 2 (1): 155-167., Junho/2017.

NEVES, K.C; FELIX, D.P.S.; et. al..Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de enfermagem. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 9, n. 8, p. 1-14, 2 ago. 2020. Research, Society and Development. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6742>>. Acesso em: 09 jun 2022.

OLIVEIRA, K.G., SERTIÉ, A.L, Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Revista Revendo Ciências Básica**. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 233-238, jun. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1679-45082017rb4020>>. Acesso em: 09 jun 2022.

ONZI, F.Z., GOMES, R.F. Transtorno do Espectro Autista: Importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015. Lajeado

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 37, n.3, p.1-9, set./2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37n3/0102-6933-rgenf-1983-144720160361572>>. Acesso em: Abril de 2022.

PRYCHODCO, R. C.; BITTENCOURT, Z. Z. L. D. C. Redes sociais sobre Transtorno do Espectro Autista no Facebook como suporte interpessoal: implicações nos processos de governança em saúde. **Reciis – Revista Eletrônica Comunicação Informação Inovação Saúde**, Campinas, v.13, n.4, p.803-8016, out./2019. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1670/2323>>. Acesso em: Abril de 2022.

SILVA, H. A. et al. Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. **Conhecimento Interativo**, São José dos Pinhais, PR, v. 11, n. 1, p. 168-184, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://app.fiepr.org.br/revistacientifica/index.php/conhecimentointerativo/article/view/223/221>. Acesso em: Abril de 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2015.

Realização

Apoio